

Enunciação e referenciação. Os discursos de celebração de Abril

MARQUES, MARIA
ALDINA
mamarques@ilch.uminho.pt

PALAVRAS-CHAVE:
referenciação;
evento discursivo;
enunciação;
discurso político de
comemoração;
objeto de discurso.

KEY-WORDS:
referencing;
discursive event;
enunciation;
political discourse of
celebration;
object of discourse.

CEHUM/CLUP

RESUMO: A celebração do 25 de Abril, em sede da Assembleia da República, é um evento discursivo que tem como momento central o discurso presidencial. É sobre este género de discurso que nos vamos deter para analisar a construção da referenciação discursiva, no quadro teórico enunciativo-pragmático da análise dos discursos. A centralidade da enunciação na construção dos sentidos dos discursos é amplamente reconhecida. Como refere Charaudeau, a enunciação engloba a totalidade do ato de linguagem realizado. Nesta totalidade está, assim, incluído o processo de construção dos sentidos, e, nomeadamente, a questão da representação do mundo, uma questão já apontada por Benveniste (1970). A referência é sobredeterminada pela enunciação, pelo posicionamento enunciativo do locutor. Neste domínio, são particularmente importantes os contributos de Mondada & Dubois (1995) e Mondada (2001). O presente trabalho tem como objetivo a análise dos modos como, nos discursos de celebração do 25 de Abril, é levada a cabo a construção discursiva do objeto de celebração. O *corpus* de análise é constituído pelos discursos presidenciais de celebração do 25 de Abril (até ao centenário da República), abrangendo os discursos dos quatro presidentes eleitos após o 25 de Abril.

ABSTRACT: The celebration of the revolution of 25th of April 1974, at the Assembly of the Portuguese Republic, is a discursive event that has as its central moment the presidential speech. I will analyze the construction of the discursive reference in this genre of discourse, within the enunciative-pragmatic approach of discourse analysis. The centrality of enunciation in the construction of discourse meaning is widely recognized. As Charaudeau points out, the enunciation encompasses the whole of the act of discourse performed. Thus, this includes the process of constructing the meanings of discourse, and in particular the question of the representation of the world, an issue already mentioned by Benveniste (1970). Reference is overdetermined by enunciation, specifically, by the enunciative positioning of the speaker. The theoretical contributions of Mondada & Dubois (1995) and Mondada (2001) on reference are particularly important. The present work aims at analyzing how the discursive construction of the object of celebration is carried out, in the speeches celebrating the 25th of April. The data is constituted by the presidential speeches celebrating the 25th of April (until the centenary of the Republic), covering the speeches of the four presidents elected after the revolution.

Le pouvoir établi sur la seule force, ou sur la violence non domestiquée, aurait une existence constamment menacée ; le pouvoir exposé sous le seul éclairage de la raison aurait peu de crédibilité. Il ne parvient à se maintenir ni par la domination brutale, ni par la seule justification rationnelle. *Il ne se fait et ne se conserve que par la transposition, par la production d'images, par la manipulation de symboles et leur organisation dans un cadre cérémoniel.*

Balandier, 1992: 16

1. INTRODUÇÃO

Georges Balandier, na citação em epígrafe, atribui à dimensão cerimonial da política, e aí aos discursos, a tarefa e, sobretudo, a capacidade de assegurar a manutenção do poder para além da violência bruta ou, num outro plano, para além da pura racionalidade, se, lembrando Manuel Damásio (1994), tal fosse possível.

Os discursos presidenciais de celebração de Abril são, a este título, exemplares. O ato explícito de pensar publicamente o 25 de Abril é um ato de poder político com alto valor simbólico, que visa a coesão social e ideológica da Nação.

No presente trabalho, damos continuidade à análise da construção dos sentidos de Abril, nos discursos presidenciais de comemoração da efeméride (Marques, 2014, Marques & Duarte, no prelo), enquanto evento discursivo (Moirand, 2010, 2014)¹, no quadro de um projeto mais amplo de análise dos discursos presidenciais de comemoração nos 100 anos da República, intitulado *O Discurso do Presidente. 100 anos de discursos presidenciais em Portugal*.

2. QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

O quadro teórico-metodológico em que nos situamos é o da análise linguística dos discursos (Rabatel & Chauvin-Vileno, 2006, Hailon, 2012, Adam, 2015, Marques, 2015, *inter alia*), que

1. Sobre a análise destes eventos discursivos, Moirand afirma: “L’un des objectifs de l’analyse est alors de s’interroger sur le rôle du langage dans la construction des événements sociaux. Un fait ne devient en effet un événement qu’à travers *la circulation des discours* qui le construit, ce qui vient de cette intentionnalité collective (dont parle Searle 1995), et qui repose sur des conventions linguistiques propagées par la chaîne ininterrompue des discours produits par la société.”

tem como objetivo descrever e explicar os usos e funcionamentos da língua nos discursos, entendidos como práticas sociais de natureza linguística. A necessidade, daí decorrente, de trabalhar com dados autênticos, determina a constituição de um *corpus* de análise, que passamos a apresentar.

A comemoração, em sede da Assembleia da República², da revolução democrática ocorrida em 25 de Abril de 1974, é um ato discursivo institucional, que tem como momento nuclear o discurso presidencial. Por esta via, os presidentes são intervenientes fundamentais na construção da memória e sentidos da revolução enquanto evento discursivo.

O *corpus* de análise é constituído pelos discursos presidenciais de celebração do *25 de Abril* (até ao centenário da República), num total de 34 discursos, abrangendo os discursos dos quatro presidentes eleitos após o 25 de Abril³:

- Presidente Ramalho Eanes (RE): 8 discursos (entre 1977 e 1985)⁴;
- Presidente Mário Soares (MS): 10 discursos (entre 1986 e 1995)⁵;
- Presidente Jorge Sampaio (JS): 10 discursos (entre 1996 e 2005),
- Presidente Cavaco Silva (CS): 6 discursos (entre 2006 e 2011).

Estes discursos totalizam mais de 91.000 palavras (aproximadamente e por ordem cronológica: 22.632; 16.248; 40.254 e 11.883)⁶.

O *corpus* assim constituído está marcado por uma forte dimensão de dialogismo interdiscursivo⁷, que decorre da seleção de um mesmo género discursivo e de um mesmo tópico retomado por diferentes vozes, em diferentes momentos, mas no mesmo espaço físico e com os mesmos objetivos.

2. Só em duas situações, em 1992 e 1993, o discurso presidencial de celebração foi pronunciado fora de S. Bento, em ambos os casos durante o mandato do Presidente Mário Soares.

3. Esta fronteira decorre do facto de este estudo estar integrado no projeto atrás referido.

4. Em 1975, 1976 e 1983 houve eleições no dia 25 de abril.

5. Os discursos de celebração, em 1992 e 1993 foram realizados, respetivamente, junto ao monumento dos descobrimentos, em Lisboa, e, em Braga, no decorrer da inauguração de um monumento alusivo ao 25 de Abril.

6. Os totais aproximados decorrem do facto de estar ainda em curso a revisão dos discursos, o que poderá ter impacto no total definitivo de palavras.

7. «Mon discours, dans sa saisie d'un objet du discours, rencontre les discours antérieurs tenus par d'autres sur ce même objet, avec lesquels il entre en interaction. Cette dimension que Bakhtine nomme «relation dialogique avec les mots d'autrui dans l'objet» (Bakhtine 1934/1975/1978: 105, «dialogicheskoe vzaimodestvo s chuzymi slovami v predmete») se voit actuellement désignée par l'appellation heureuse de *dialogisme interdiscursif*. On peut la mettre en relation avec la notion d'*intertextualité*, mais elle ne s'y résume pas. A la différence de ce que l'on entend habituellement par intertextualité – relation qu'un texte pose localement avec ou tel autre texte –, le dialogisme interdiscursif structure fondamentalement tout texte, en ce que celui-ci est obligatoirement *réponse* (Bakhtine 1952/1979/1984a: 298-299) à des textes antérieurs». (Brès & Nowakowska, 2005).

8. Veja-se, a propósito, Kerbrat-Orecchioni, 2003, Moirand, 2003, Coutinho, 2007, Adam, 2014, Maingueneau, 2014, entre outros.

2.1. O GÊNERO DISCURSIVO DE COMEMORAÇÃO

O conceito de gênero é central na análise dos discursos⁸. Do discurso de comemoração salientamos um dos parâmetros caracterizadores do gênero, a organização semântica. Com efeito, este gênero discursivo tem o objeto de comemoração como um dos tópicos constitutivos⁹. Logo, o significado do “25 de Abril” é indissociável do gênero discursivo e do quadro comunicativo que integra os interlocutores. Há uma simbiose entre os sentidos selecionados de Abril e a razão da comemoração, isto é, enquanto evento discursivo com valor simbólico mais do que como evento datado:

1. Vistas a esta luz, *as comemorações do 25 de Abril* serão sempre -e antes de mais- o reencontro do povo com a sua identidade e de Portugal com a sua história multissecular. (MS, 1987)

2.2. REFERENCIAÇÃO E OBJETO DE DISCURSO

É sobre estes discursos que nos vamos deter para analisar os modos de referenciação deste evento, privilegiando, portanto, uma perspectiva enunciativo-pragmática.

A centralidade da enunciação na construção dos sentidos dos discursos é reconhecida (Moirand, 2005)¹⁰. Charaudeau (2015) é particularmente assertivo na afirmação do alcance teórico do conceito de enunciação, assumindo que “*Du point de vue du discours, l'énonciation englobe la totalité de l'acte de langage.*”¹¹. Ora, nesta *totalidade* está incluído o processo de construção dos sentidos, que levanta a questão da representação do mundo, como processo de referência. Esta perspectiva englobante havia já sido apontada por Benveniste (1970)¹². Trabalhos posteriores têm vindo a aprofundar essa reflexão. São análises que assumem o postulado de que a referência é sobredeterminada pela enunciação, pelo posicionamento enunciativo do locu-

tor sempre em relação necessária com o seu interlocutor. Neste domínio, são particularmente importantes os contributos de Siblot (2001), Marcuschi (2006), Rabatel (2009; 2014-2015), Cavalcante (2012), Koch, Morato & Bentes, 2015, Koch & Cortez (2015), no seguimento das propostas de Mondada & Dubois (1995) e Mondada (2001), que, atendendo às especificidades teóricas da proposta que realizam, substituem o termo *referência* pelo de *referenciação*. Não se trata de um aspeto meramente terminológico, antes decorre de uma nova abordagem da questão em rotura com a abordagem tradicional. No excerto que a seguir é citado, sobressai essa deslocação da referência como relação exterior, especular, entre as palavras e as coisas para a referenciação como relação intradiscursiva de construção de “versões do mundo”, em função da relação intersubjetiva e social em curso na interação:

La question de la *référenciation* (...) elle ne privilégie pas la relation entre les mots et les choses, mais *la relation intersubjective et sociale au sein de laquelle des versions du monde sont publiquement élaborées, évaluées en termes d'adéquation aux finalités pratiques et aux actions en cours des énonciateurs*. Mondada, 2001: 8.

A referenciação é, pois, uma atividade discursiva de nomeação (designação e denominação)¹³, por categorização e recategorização, de um *objeto de discurso*¹⁴, isto é, um referente construído no discurso e pelo discurso como «...[entité] qui [est] interactivement et discursivement [produite] par les participants au fil de leur énonciation.» (Mondada 2001: 9). Por isso, os objetos de discurso não são o espelho de entidades exteriores, estáticas, pré-definidas, são construções dinâmicas que «...no e pelo discurso (...) são postos, delimitados, desenvolvidos [e] transformados» (Mondada, 1994: 62, *apud* Marcuschi, 2006: 13).

Não contestando o valor referencial da língua, estes autores propõem antes uma revisão “da maneira como se dá esse processo de referenciação” (Marcuschi, 2007:141), indissociável da posição enunciativa do locutor e, portanto, da responsabilidade enunciativa assumida, na relação intersubjetiva que estabelece com o seu alocutário. Como consequência deste posicionamento constitutivo, o conceito de escolha é fundamental para abordar o processo de

9. Uma simples contagem das ocorrências de *comemorar* e similares evidencia a presença sistemática destes itens lexicais nos 34 discursos analisados: comemorar (58); comemoramos (13); comemoração (5); celebrar (19); celebramos (18) celebração (5).

10. “La majorité des travaux d’analyse du discours (...) s’appuient, au moins partiellement, sur les problématiques énonciatives.”

11. “Du point de vue du discours, l’énonciation englobe la totalité de l’acte de langage. L’énonciation est ce processus par lequel un sujet parlant met en scène son dire, en fonction de divers paramètres: la situation de communication dans laquelle il se trouve, l’image qu’il se fait de son interlocuteur pour calculer les effets qu’il veut produire sur lui, l’univers de savoir qu’il est censé partager avec son interlocuteur et celui qu’il veut lui transmettre (*interdiscours* et *dialogisme*). Cet ensemble de paramètres constitue un *dispositif communicationnel* qui donne des instructions discursives au sujet parlant, et c’est en fonction de ces instructions que celui-ci mettra en scène son acte de langage. (Charaudeau, 2015)

12. Enfin, dans l'énonciation, la langue se trouve employée à l'expression d'un certain rapport au monde. La condition même de cette mobilisation et de cette appropriation de la langue est, chez le locuteur, le besoin de référer par le discours, et, chez l'autre, la possibilité de co-référer identiquement, dans le consensus pragmatique qui fait de chaque locuteur un co-locuteur. *La référence est partie intégrante de l'énonciation.*» (Benveniste, 1970: 14).

13. «Dans la perspective discursive où nous en sommes, cette question de la *nomination* – le terme générique que nous adoptons – est intéressante car elle ouvre des pistes pour l'analyse des unités micro-discursives dans les discours et, tout particulièrement, dans les débats parlementaires et dans d'autres discours publics. Il s'agit donc d'analyser la nomination comme un phénomène relevant de manière essentielle d'une approche en discours et d'identifier ce passage, toujours instable d'une «désignation» à une «dénomination» à travers un processus de référenciation, de construction d'un objet de discours dans un corpus sélectionné.» (Marques, no prelo).

nomeação do objeto discursivo: «Elle [la nomination] est par là *une prise de position* à l'égard de la chose nommée qui désigne, en même temps que l'objet nommé, la position prise pour le nommer.» (Siblot, 2001: 15). É, por isso, uma *nomeação* orientada, com valor argumentativo, porque construída em função do outro, o alocutário, e dos objetivos perseguidos. Esta orientação opera como um foco que valoriza determinados eixos de sentido em detrimento de outros, implicando, assim, uma dimensão intersubjetiva.

Deste modo, na análise do objeto de discurso, dos seus sentidos, é necessário operar um reposicionamento da questão, com integração da linearidade da cadeia anafórica, que ocupou as primeiras abordagens da referenciação, na configuracionalidade da construção dos sentidos, assumindo que se está perante categorias discursivas instáveis, flexíveis, que se inter-relacionam e participam na construção da coerência global dos discursos.

Em suma, os interlocutores estão no centro do processo discursivo de referenciação. A construção dos sentidos na interação em que os falantes estão empenhados é uma atividade discursiva global e dialógica, que implica a intersubjetividade dos interlocutores, inscritos numa comunidade socio-discursiva, a qual preserva a memória de outros discursos e a mobiliza para construir novos sentidos.

Nos discursos em análise, o *25 de Abril* é um acontecimento social e político, construído discursivamente, ou seja, constitui um evento discursivo, tal como o define Moirand (2010):

Un fait ne devient en effet un événement qu'à travers *la circulation des discours* qui le construit, ce qui vient de cette intentionnalité collective (dont parle Searle 1995), et qui repose sur des conventions linguistiques propagées par la chaîne ininterrompue des discours produits par la société.

Ainda segundo a mesma investigadora, “L'un des objectifs de l'analyse est alors de s'interroger sur le rôle du langage dans la construction des événements sociaux.», como passaremos a fazer.

2.3. OBJETIVOS E HIPÓTESES

Neste enquadramento teórico, o presente trabalho tem como objetivo central a análise dos modos como, nos discursos de celebração do *25 de Abril*, é levada a cabo a construção discursiva do objeto de celebração, o evento discursivo designado como 25 de Abril. Analisaremos o modo como os sucessivos locutores participam na tarefa de (re)construção da memória de Abril, isto é, dos seus sentidos.

Vamos centrar-nos em duas dimensões da construção dos sentidos do *25 de Abril*, (1) os modos de designação privilegiados nos discursos; (2) a introdução/ativação, reapropriação, progressão e modificações deste referente discursivo, no conjunto dos discursos considerados. Nestes dois casos, pretendemos dar conta do caráter dinâmico do processo de referenciação e, em particular, da importância das escolhas dos diferentes locutores para designarem o mesmo referente. Daremos especial atenção às formas nominais que participam neste processo.

Para além das constricções trazidas pelo género discursivo, o discurso político de celebração, consideramos que a construção dos sentidos¹⁵ de *Abril*, enquanto objeto de discurso, nos discursos presidenciais da comemoração deste evento, decorre também das escolhas de cada locutor em função de um querer dizer (Koch & Cortez, 2015) e em inter-relação com o co(n) texto em que ocorre e com os seus interlocutores. Em particular, o estatuto dos locutores, de presidentes da República, e o contexto institucional em que usam da palavra criam uma sistematicidade na construção dos sentidos de Abril, ao longo dos 30 anos de celebrações, de acordo com os valores democráticos assumidos como partilhados pela comunidade portuguesa.

14. Citando ainda Mondada (2001 :9), este *objeto de discurso*, assume um estatuto particular enquanto *tópico*, isto é «... objet(s) considéré(s) et manifesté(s) par les participants comme ce à propos de quoi ils énoncent le discours en train de se faire.».

15. Privilegiando uma perspetiva pragmática do sentido, usamos indistintamente os termos sentido e significado.

3. OS PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO DE ABRIL

3.1. A DESIGNAÇÃO DO EVENTO

Na senda dos trabalhos de Moirand, sobre os eventos discursivos, consideramos que construir discursivamente um evento (Dire l'événement) é um processo complexo que supõe uma escolha e hierarquização das dimensões que se pretende “dar a ver”:

Dire l'événement, c'est en premier lieu «nommer» les objets, les acteurs, les actes qui «font» l'événement, c'est-à-dire les désigner, mais aussi les caractériser en choisissant de cibler une de leurs «facettes» (Cruse) ou en leur donnant un «éclairage» particulier (Grize), qui vise à «donner à voir» aux destinataires une image de l'événement.

Moirand *et al.*, 2013

Como propusemos em Marques & Duarte (no prelo), na base da análise está o conceito de *memória interdiscursiva* (Moirand, 2004): «Assumimos, pois, que o *discurso político de celebração* é uma prática discursiva de “(re)memória” e que a celebração da revolução de Abril, visa a (re)construção dessa memória...” que tem um valor simbólico nacional¹⁶. São os próprios locutores (todos os presidentes, nos exemplos abaixo (2-5)) que dão conta desta função significativa, simbólica, em comentários metalinguísticos mais frequentes à medida que aumenta a distância temporal do evento:

2. Não se justificaria continuar a comemorar esta data se o seu significado ficasse confinado ao acto, localizado no tempo, do derrube de um regime autoritário, moralmente indefensável, socialmente injusto. O que hoje comemoramos não é o fim da ditadura, mas sim *a afirmação da liberdade, da responsabilidade democrática, da solidariedade social*. O que hoje comemoramos é *a afirmação de uma moral política onde a justiça, em todos os seus domínios, não seja um mero artifício de linguagem que encobre a vontade de opressão e de exploração*. (RE, 19882)

16. A celebração, de acordo com Durkheim (1991: 380), *apud* Rodrigues (2013: 15), é um ato social público desencadeador de um sentimento de exaltação nos próprios participantes no evento (a multidão): «O simples fato da aglomeração age como um excitante excepcionalmente poderoso. Uma vez os indivíduos reunidos, liberta-se da sua aproximação uma espécie de electricidade que os transporta rapidamente para um grau extraordinário de exaltação. Cada sentimento expresso vem repercutir-se sem resistência em todas essas consciências amplamente abertas às impressões externas: cada uma delas faz ecoar as outras e reciprocamente. O impulso inicial amplifica-se à medida que se vai repercutindo, como uma avalanche aumenta à medida que progride». No caso vertente, há uma carga simbólica a que os discursos presidenciais dão forma.

3. É nosso dever transmitir-lhes o testemunho da nossa experiência, *dar-lhes a conhecer o significado do 25 de Abril, ensinar-lhes como a força criadora da liberdade transformou Portugal* e nos permitiu ultrapassar tantos momentos difíceis. (MS, 1993)
4. Passados trinta anos, em que tudo mudou tanto, é natural que nos interroguemos: que significa comemorar, hoje, o 25 de Abril? *E o que representará essa data para aqueles jovens que a não viveram?* (JS, 2004)
5. Apenas direi que me impressiona que muitos jovens não saibam *sequer o que foi o 25 de Abril*, nem o que *significou* para Portugal. (CS, 2008)

Passamos, pois, à análise do *25 de Abril* enquanto objeto de discurso, construído nas formulações discursivas dos participantes e nas transformações realizadas em discurso, no quadro do co(n)texto em que ocorrem.

No que concerne à introdução ou ativação do objeto de discurso, em função do quadro comunicativo, e particularmente da finalidade do evento discursivo, a acessibilidade do referente “25 de Abril” é dada como assegurada, sendo este tomado como conhecimento compartilhado¹⁷. O excerto abaixo constitui o início de um discurso presidencial que evidencia essa acessibilidade:

6. *Vinte e cinco anos depois*, tudo parece tão simples. Banalizaram-se *as imagens daqueles militares em ameno convívio com a população. As fotografias e filmes, a preto e branco*, conferem um ar remoto e frágil aos *instantâneos da Revolução*. (JS, 1999)

Dado o contexto situacional de celebração, que justifica a elipse do complemento da preposição no sintagma “25 anos depois”, “a” revolução referida em (6) é identificada como a de 25 de Abril de 1974. É esta acessibilidade, marcada pela ocorrência do artigo definido, que assegura a mesma interpretação, no excerto seguinte:

17. Segundo Ariel (1990), a escolha das expressões nominais referenciais é condicionada pela presunção do locutor sobre o grau de ativação; por outras palavras, se há um antecedente saliente, o locutor usará um marcador de alta acessibilidade referencial; no caso contrário, usará um marcador de baixa acessibilidade referencial.

7. Ao dirigir-me, hoje, à Assembleia da República no *Dia da Liberdade*, a última vez que o faço na qualidade de Presidente da República, não posso deixar de referir a emoção que, por isso mesmo, sinto. (JS, 2005)

Mas estas ocorrências indiciam, já, a pluralidade das designações deste evento que integram a memória discursiva da comunidade.

De facto, nos discursos presidenciais em análise, a ativação ou reativação deste objeto discursivo apresenta uma variação nas formas de referenciação usadas, a partir da localização temporal do evento. A identificação do evento a partir da data, que se faz, nos exemplos abaixo, de modos diversos, é uma conjunção operada por um processo de nominalização, explícito em (11).

8. *O 25 de Abril é uma data que*, sendo digna de comemoração, exige a todos os portugueses uma responsável reflexão política. (RE, 1980)

9. Quero saudar os militares que prepararam e participaram no Movimento das Forças Armadas *do dia 25 de Abril de 1974*. (MS, 1996)

10. Duas razões nos reúnem hoje, aqui. A primeira é a celebração da liberdade reencontrada *em 25 de Abril de 1974*. (JS, 2002)

11. *o 25 de Abril* não é uma efeméride do passado, que careça de ser ressuscitada ritualmente em cada aniversário, mas antes *um ideal* que se mantém vivo e actuante na consciência dos Portugueses e a que a grande maioria continua indelevelmente fiel. (MS, 1988)

O processo de designação do evento por nominalização da data é acompanhado de uma essencialização formal, por sucessivas reduções do sintagma (de *25 de abril de 1974* a o *25 de Abril* até, simplesmente, *Abril*), mas também semântica e pragmática, passando a designar um

novo referente, carregado de simbolismo, por ser um evento conformador da própria Nação, de que a expressão *País de Abril* dá conta¹⁸:

12. Os discursos não podem, nem devem, substituir o balanço nem o projecto que o *País de Abril* prometeu sem verdadeiras mutações, para um futuro em tudo consentâneo com os grandes valores culturais do nosso povo e capaz de garantir e consolidar a paz, a liberdade e a justiça para todos. (RE, 1984)

Em termos unicamente quantitativos, a expressão “o 25 de Abril” será a designação que, como refere Moirand noutro contexto, “ficará na História”. Com efeito, o primeiro discurso presidencial de comemoração dá já conta dessa estabilização de designação do evento pela data, cujo valor temporal é secundarizado em favor da denominação do evento, já presente, enquanto tal, na memória interdiscursiva:

13. Sr. Presidente da Assembleia da República, Srs. Deputados, meus Senhores, Portugueses: Esta cerimónia marca o ponto mais alto nos actos com que o povo português tem vindo a celebrar o 25 de Abril (RE,1977)

A contabilização das ocorrências torna evidente essa presença sistemática. A designação do evento é preferencialmente feita pela expressão “(o)25 de abril”¹⁹ com 45 ocorrências nos discursos do Presidente Ramalho Eanes, 31 nos discursos do Presidente Mário Soares, 75 nos discursos do Presidente Jorge Sampaio e 44 nos discursos do Presidente Cavaco Silva, totalizando 195 ocorrências. A expressão “Abril”, menos frequente, é a outra forma de designação a partir da data do evento, preferida pelos dois primeiros presidentes e residual nos dois últimos: 26 (RE); 27 (MS); 8 (JS) e 7 (CS)²⁰.

Estas frequência e distribuição dão conta, por um lado, da sistematicidade que a data assume na denominação do evento²¹, e, por outro, do valor simbólico que se acrescenta a esta expressão e sobrepõe ao da mera referência temporal.

18. «L'événement n'est pas une réalité brute, mais une réalité signifiée dont le nom est une partie intégrante.» (Izadbin, 2014: 360).

19. Incluem-se aqui formas mais extensas como “o 25 de abril de 1974” ou “o dia 25 de Abril”.

20. Menos frequente, mas presente nos discursos dos 4 presidentes, é a designação como revolução (do 25 de abril, dos cravos, democrática, etc.)

21. De facto, este processo tem merecido a atenção dos investigadores. Retomamos, aqui, Rodrigues (2013: 21): «Os processos de nominalização das datas, tais como “o 25 de Abril”, “o 5 de Outubro”, “o 11 de Setembro”, são outras formas rituais de produção de fortes marcas simbólicas que dão conta do reconhecimento e da identidade dos membros de um mesmo mundo intersubjetivo, dos que, reconhecendo a natureza simbólica dessas datas, atribuem uma espessura emocional forte à memória dos acontecimentos que elas representam.

No entanto, no *corpus* em análise, outras designações ficam, ou já estão, na memória coletiva, no interdiscurso. Há, como já mostrámos acima, uma multidesignação do evento de que os discursos presidenciais dão conta, em retomas sucessivas. Se, como referem Koch e Cortez (2015: 33), “as formas nominais anafóricas operam uma seleção entre as diversas propriedades do referente”, esta multidesignação é fundamental para a construção dos sentidos do evento discursivo e da posição que o locutor assume. Com essa função designativa, encontramos as seguintes expressões: «dia da liberdade», que não ocorre nos discursos do Presidente Ramalho Eanes, mas ganha visibilidade progressiva: 4, 7 e 8 ocorrências, nos discursos dos presidentes Mário Soares, Jorge Sampaio e Cavaco Silva, respetivamente. Nas palavras dos diversos presidentes, o 25 de Abril é, ainda, um dia “memorável”; “libertador”; “único e irreproduzível”; “inaugural”; “histórico”; “singular”, “inolvidável”. As expressões *madrugada* e *manhã*, designativas do evento referido por processo metonímico, enriquecem este processo de designação: madrugada “libertadora”; “radiosa”, “manhã heroica”. A adjetivação, ao serviço de uma modalização apreciativa, produz um “*éclairage*” particular (Grize, 2004) do evento discursivo e constrói uma posição emotiva do locutor em sintonia com o ponto de vista apresentado.

Mas a análise das expressões nominais não encerra a questão da construção dos sentidos do evento discursivo; é necessário contextualizar o processo e considerar a predicação, ou mesmo, várias predicções constitutivas do parágrafo para encontrar, de forma explícita ou implícita, as “características do referente” e o modo como o locutor se posiciona²². De facto, a ocorrência de vocábulos como “liberdade” e “democracia” são eixos relevantes do sentido do evento discursivo²³. “Liberdade” ocorre 120 vezes²⁴ a propósito do *25 de Abril*. “Democracia” e outras formas do mesmo paradigma (democrático, democraticamente) ocorrem 110 vezes (respetivamente, 51, 21, 26 e 12).

No entanto, estas expressões não ficam restritas à caracterização do 25 de Abril, Liberdade e democracia são tópicos centrais nos discursos de celebração, em harmonia com as características salientes do evento discursivo em análise. Tomando como exemplo o paradigma relativo a

22. “A liberdade de escolha democrática devemos-la ao 25 de Abril.” (JS, 1996); “Contudo, também os partidos se obrigam a um consenso essencial, a uma solidariedade democrática na defesa da liberdade, da legalidade, do pluralismo e da independência dos Portugueses. Este consenso essencial é indispensável para continuar Abril.” (RE, 1981)

23. Não são as únicas expressões. *Esperança, sonho, solidariedade*, entre outras, são usadas para caracterizar o 25 de Abril.

24. Considerando os discursos presidenciais por ordem temporal, temos 15, 34, 54 e 17 ocorrências, respetivamente.

democracia, há, nos 34 discursos presidenciais, um total de 615 ocorrências. Destas, 240 ocorrem nos 8 discursos de Ramalho Eanes²⁵, 112 fazem parte dos 10 discursos de Mário Soares, 217 pertencem aos 10 discursos de Jorge Sampaio e 46 aos 6 discursos de Cavaco Silva.

3.2. PROGRESSÃO REFERENCIAL E EXPRESSÕES NOMINAIS DE REFERENCIAÇÃO

Ainda no que concerne ao processo de construção do evento discursivo, verifica-se que as cadeias anafóricas que mostram nos discursos a progressão referencial têm nas formas nominais um mecanismo fundamental.

O referente *25 de abril*, nesta forma nominal ou nas variações já apontadas, é ativado, desativado e reativado ao longo de cada discurso. Reside aqui, neste modo cíclico de retoma do objeto, que ocorre em todos os discursos, uma das justificações para a alta frequência das formas nominais anafóricas, de que o excerto seguinte é ilustrativo:

14. Esta cerimónia marca o ponto mais alto nos actos com que o povo português tem vindo a celebrar o *25 de Abril*. Nos dois anos anteriores o povo celebrou-o exercendo os direitos reassumidos: votou e através do seu voto ergueu as traves mestras da nova sociedade.

[...]

Em Abril de 1974 as forças armadas saíram à rua em defesa dos ideais da liberdade e da democracia.

[...]

Esta Assembleia da República recebeu do povo o encargo de traduzir os *ideais da Revolução* na realidade concreta do dia-a-dia dos cidadãos.

[...]

25. O contexto político e social em que ocorrem os mandatos do Presidente Ramalho Eanes podem justificar esta saliência. O regime político pós-revolução estabilizou na sequência do movimento do 25 de novembro de 1975, em que Ramalho Eanes, como militar de Abril, esteve envolvido e empenhado. A defesa da democracia era o objetivo político maior.

Mas é imperativo reanimar este país e organizar o esforço dos seus cidadãos para que os *ideais de Abril* não venham a ser um sonho traído.

[...]

Se temos o crédito das liberdades e dos direitos conquistados, se temos a segurança da democracia a definir as regras do comportamento político, se temos a esperança de um povo a respeitar, nada pode desculpar que os *ideais de Abril* continuem por concretizar, à mercê dos que deles se servem, sem servir a Pátria.

[...]

Esta Assembleia recolhe em si, mesma a parte mais nobre dos *ideais de Abril* que do projecto parlamentar fizeram um objectivo principal.

[...]

Sabemos todos, por duras experiências até nesta Assembleia, que os *ideais do 25 de Abril* têm sido muitas vezes adulterados no decurso destes três anos. (RE, 1977)

Ativado pela expressão nominal “o 25 de Abril”, o objeto discursivo é retomado pelo pronome pessoal, num quadro explicativo do sentido das comemorações. A sua reativação é feita a partir da data do evento e passa pela recategorização como “[...]os *ideais* da liberdade e democracia”. É a forma nominal *ideais* que vai, a partir deste ponto dominar a cadeia anafórica, ainda que sucessivamente categorizada, como “*ideais* da liberdade e democracia”; “ideais da revolução”; “ideais de Abril” e “ideais do 25 de Abril”, configurando uma repetição parcial por modificação da designação do referente.

Passando a um outro contexto sociopolítico, 11 anos depois, salienta-se a continuidade formal, no predomínio das formas nominais anafóricas, e também semântico-pragmática, na designação do evento, ainda que este processo se apresente mais diversificado:

15. A mais grata afirmação que se pode fazer, neste dia em que se cumprem catorze anos sobre *o reencontro de Portugal com a liberdade*, é a de que o *25 de Abril* não é uma efeméride do passado, [...] mas antes *um ideal* que se mantém vivo e actuante na consciência dos Portugueses e a que a grande maioria continua indelevelmente fiel. [...] assinalamos uma data que hoje pertence ao património histórico português e que guardamos preciosamente na memória e no coração. Saudar os que a tornaram possível – [...] Mas, mais do que celebrar *a data*, retoricamente, importa voltar os olhos para o futuro e mobilizar os Portugueses [...].

[...]

Nisso consiste a solidariedade nacional. Por forma a cumprir os generosos objectivos da *Revolução dos Cravos*, graças aos quais *o espírito do 25 de Abril* continua vivo e actual no nosso quotidiano de portugueses, livres e responsáveis.

[...]

A República moderna que estamos a construir desde *o 25 de Abril* assenta na liberdade, no desenvolvimento, na igualdade de direitos e oportunidades, na justiça social, [...].

[...]

Portugal vive hoje uma hora feliz de inovação científica e tecnológica, de criação cultural e artística, [...]. É o resultado da liberdade trazida pelo *25 de Abril*, [...].

[...]

Tenhamos confiança no futuro - e na liberdade -, com que nos reencontrámos em *25 de Abril de 1974*, nesse *dia* - como disse, na sua voz inconfundível, Sophia de Mello Breyner:

Inicial inteiro e limpo

Onde emergimos da noite e do silêncio e livres habitamos a substância do tempo (MS, 1988)

De facto, esta cadeia anafórica baseia-se, quase exclusivamente, no recurso a formas nominais como um mecanismo de referenciação que percorre todo o discurso presidencial. Mais uma vez, é um processo de retoma e substituição por modificações diversas.

A diversidade das designações escolhidas aponta para a complexidade de sentidos agregados ao evento discursivo. Como já foi sublinhado, o contexto político e social, e o género discursivo em particular, não são alheios aos modos de construção da referenciação e das estratégias linguísticas usadas. Nos exemplos em análise, ilustrativos, na verdade, de todos os discursos de celebração considerados, a maior frequência, quase exclusividade, das formas pronominais contraria a hipótese avançada por Ariel (1990), sobre a relação entre formas nominais e acessibilidade do objeto. Consideramos que se trata de uma relação que depende de fatores contextuais diversos. Aqui, a acessibilidade alta do objeto de discurso conjuga-se com a ocorrência das expressões nominais. Para explicar esta conjunção, parece-nos necessário atender ao processo cíclico de ativação e desativação do referente discursivo, de que os exemplos acima dão conta. Mas é também necessário assinalar que a centralidade política e ideológica adquirida na interação em curso é reforçada por essa característica, que lhe confere visibilidade discursiva:

16. Por isso, podemos retirar desta exigente experiência política a convicção firme de que a defesa e afirmação do pluralismo democrático, (...), é valor que jamais se pode pôr em causa se queremos comemorar *Abril* na afirmação da esperança que

em todos nós fez nascer.

Também por isso, comemorar *Abril* é continuar *Abril*. (RE, 1981)

4. CONCLUSÕES

Da análise dos discursos de comemoração presidenciais, de que apresentamos alguns exemplos, sobressai, apesar da diversidade das designações escolhidas e da variação na frequência das ocorrências, uma (sempre relativa) estabilização intersubjetiva dos sentidos do 25 de Abril.

A sistematicidade da designação do objeto de discurso, na progressão referencial construída, tem a ver, por um lado, com o facto de este ser o motivo da comemoração (não apenas do discurso presidencial) e, por outro, de se pretender, pelo fortalecimento de valores que os sucessivos Presidentes defendem, confirmar o *25 de Abril* como fator de coesão e dinamização nacional. O acontecimento político e social é assim reposicionado, e (re)memorizado, isto é, “ressignificado” no tempo e no espaço enquanto evento discursivo.

Nesta discursivização, sobressaem duas vertentes:

- A acessibilidade do referente discursivo e a sua ativação por processos de multidesignação nominal;
- A prevalência das formas nominais com função anafórica, que confirmam, expandem e modificam os sentidos mobilizados no processo de referenciação.

Por este processo de referenciação, a *memória* de Abril é progressivamente construída, confirmada, modificada; daí a multidesignação de que falámos acima. Aplica-se aqui a afirmação de Moirand *et al.* (2013) quanto à importância dos discursos na construção de uma memória coletiva: «...le discours utilise les moyens que la langue lui fournit pour «dire» ce qui a une importance pour l’homme, pour «parler» de ce qui devient important pour la société.».

O género discursivo, como vimos, sobredetermina a construção do objeto de discurso, muito particularmente na coloração positiva (Grize, 2004) que de modo sistemático se evidencia em todos os discursos.

REFERENCIAS

Adam, J.-M. (2015). Le problème du texte dans l'analyse du discours développée par Dominique Maingueneau (1976-2014). In Angermuller, J. & Philippe, G. (orgs), *Analyse du discours et dispositifs d'énonciation. Autour des travaux de Dominique Maingueneau*, pp.41-50. Limoges: Lambert Lucas.

_____ (2014). Texte et intra-texte : retour sur un rendez-vous manqué de l'analyse de discours et de la linguistique textuelle, *Congrès Mondial de Linguistique Française – CMLF 2014 SHS Web of Conferences*. Acedido em 16 de abril de 2017. <http://www.shs-conferences.org>.

Benveniste, E. (1970). L'appareil formel de l'énonciation. *Langages*, n°17, pp. 12-18.

Charaudeau, P. (2015). De la linguistique de la langue à la linguistique du discours, et retour. In Engwall, G. & Fant, L. (eds.), *Festival Romanistica. Contribuciones lingüísticas – Contributions linguistiques – Contributi linguistici – Contribuições linguísticas*. Stockholm Studies in Romance Languages. Stockholm: Stockholm University Press, 3–12. Acedido em 4 de junho de 2017. <https://www.stockholmuniversitypress.se/site/chapters/10.../180>

Cavalcante, M. (2012). *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto.

Cavalcante, M. et al (Org.). (2003). *Referenciação*. São Paulo: Contexto.

Coutinho, M. A. (2007). Descrever gêneros de texto: resistências e estratégias. In *Proceedings of the 4th International Symposium on Genre Studies, SIGET*, 639-647. Publicação em CD-Rom.

Damásio, A. (1998). *O erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano*. S. Paulo: Companhia das Letras.

Grize, J.- B. (2004). Le point de vue de la logique naturelle. démontrer, prouver, argumenter. In Doury, M. & Moirand, S. (orgs), *L'argumentation aujourd'hui: Positions théoriques en confrontation*. Paris: Presses Sorbonne.

Hailon, F. (2012). L'énonciation dans les pratiques de l'hétérogène. *Tranel (Travaux neuchâtelois de linguistique)* 56, pp. 119-134.

Izadbin, F. (2014). Marie VENIARD, La nomination des événements dans la presse. Essai de sémantique discursive. *Questions de communication* 25, pp. 360-361.

Kerbrat-Orecchioni, C. (2003). Les genres de l'oral: Types d'interactions et types d'activités. *Linguistique des genres*, 150. Acedido em 19 de maio de 2017. gric.univ-lyon2.fr/Equipe1/actes/...Genre/CKO_genres_oral.rtf

Koch, I. & Cortez, S. (2015). A construção heterodialógica dos objetos de discurso por formas nominais referenciais. *ReVEL* 25, vol. 13, pp. 29-49. Acedido em 3 de agosto de 2017. www.revel.inf.br.

Koch, I., Morato, E. & Bentes, A. (Org.). (2015). *Referenciação e Discurso*. (2ª ed.). S. Paulo: Contexto.

Maingueneau, D. (2014). *Discours et analyse du discours*. Paris: A. Colin

Marcuschi, L. A. (2006). Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. *Cad.Est. Ling., Campinas*, 48(1), pp. 7-22.

_____. (2007). *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna.

Marques, M. A. (2015). Para uma análise linguística dos discursos. A heterogeneidade enunciativa como princípio ordenador da investigação. *Revista de Filologia Galega*, pp. 107-121.

_____. (2014). Palavra de Presidente: construção da autoridade nos discursos de Abril. *Forma breve*, 11, 297-311.

_____. *Référenciation et conflit. À propos de la signification du mot “geringonça”* (no prelo).

Marques, M. A. & Duarte, I. M. *O 25 de abril como memória construída nos discursos presidenciais de comemoração: negação e construção de um posicionamento enunciativo*. (no prelo).

Moirand, S. (2014). *L'événement « saisi » par la langue et la communication*. *Cahiers de praxématique* 63. Acedido em 3 de agosto de 2017. <http://journals.openedition.org/praxematique/2362>

_____. (2010). Retour sur une approche dialogique du discours dans La question polyphonique ou dialogique en sciences du langage. In Colas-Blaise, M., Kara, M., Perrin, L. & Petitjean, A. (dir), *La question polyphonique ou dialogique en sciences du langage*. *Collection recherches linguistiques*, 31, pp. 375-398.

_____. (2004). *Le dialogisme, entre problématiques énonciatives et théories discursives*. *Cahiers de praxématique* 43. Acedido em 14 de abril de 2017. <http://journals.openedition.org/praxematique/1853>

Moirand, S. Londei, D. Reboul-Touré, S. & Reggiani, L. (eds). (2013). *Dire l'événement. Langage, mémoire, société*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle.

Mondada, L. (2001). Gestion du topic et organisation de la conversation. *Cad.Est.Ling., Campinas*, (41), pp. 7-35.

Mondada, L., Dubois, D. (1995). Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. *Tranel (Travaux Neuchâtelois de Linguistique)* 23, pp. 273-302.

MARQUES, MARIA ALDINA; ENUNCIÇÃO E REFERENCIAÇÃO.
OS DISCURSOS DE CELEBRAÇÃO DE ABRIL
REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 7 ANO 2018, PP. 120-141

Rabatel, A. (2014-2015). Analyse pragma-énonciative des points de vue en confrontation dans les hyperboles vives: hyper-assertion et sur-énonciation. *Tranel (Travaux neuchâtelois de linguistique)* 61-62, pp. 91-109

_____(2006). La dialogisation au coeur du couple polyphonie/dialogisme chez Bakhtine. *Revue Romane*, 41, pp. 55-80.

Rabatel, A. & Chauvin-Vileno, A. (2006). La question de la responsabilité dans l'écriture de presse. *Sémen*, 22.

Rodrigues, A. D. (2013). A interação verbal. Questões Transversais. *Revista de Epistemologias da Comunicação* 1, vol. 1, pp. 14-26.

Siblot, P. (2001). *De la dénomination à la nomination. Cahiers de praxématique*, 36. Acedido em 15 de setembro de 2017. <http://journals.openedition.org/praxematique/368>